



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 8 - Ano 4 - Nº 8 - Julho / 2016

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

1 – MANDALAS

Pedro Teixeira da Mota*

Mandala, da raiz *manda*, significa círculo, redondo, disco, orbe, em sânscrito, uma das línguas primordiais dos Indo-Europeus desenvolvida sobretudo no que é hoje a Índia, e tornou-se uma forma de arte sagrada que se expandiu para outros povos, tais como o Tibete e o Japão, ficando a ser conhecida neste, por exemplo, como *mandara*, sendo utilizada em práticas esotéricas ou mais contemplativas dos seus movimentos espirituais religiosos..

A palavra, do género masculino, provém de um tema verbal traduzível pelos sentidos de adornar, decorar, alegrar-se, glorificar ou clarificar. E com estes verbos poderemos compreender mais facilmente o que são e para que servem os mandalas: ornamentações, desenhos, feitos na base de círculos, com o seu centro, ponto primordial e um eixo ou mais eixos centralizantes, frequentemente combinados com quadrados e triângulos, e a que se podem associar sons e palavras, e que ao serem desenhados e contemplados tanto são meios de nos interiorizar, convergir, centralizar e clarificar, sobretudo nas nossas estruturas, actividades e capacidade psíquicas e suas ligações espirituais, como também de embelezar, influenciar, harmonizar, ou mesmo alegrar e iluminar o ambiente e o universo, pois vivemos e respiramos o nosso ser numa infinita matriz-rede-mandala de

energia e informação, de seres e consciências.

Os mandalas mais conhecidos são os do Hinduísmo (onde se destaca o Sri Yantra, designação esta correspondente a diagrama, isto é, um mandala menos circular), do Budismo, do Shintoísmo, do Islão e do Cristianismo. Encontramo-los tanto em desenhos e pinturas como na estrutura dos templos, construídos de acordo com as orientações, formas e proporções de uma Tradição Perene de Geometria e Numerologia Sagrada, e servem não só para edificar, ornar ou decorar mas para se criarem pontos, espaços e momentos de partilha ou transmissão de imagens e ensinamentos que podem intensificar e iluminar a psique e a autoconsciência e religarem-nos melhor ao Cosmo e à Divindade, ao serem mais demoradamente contemplados e meditados.

Ou seja, diante de um mandala vamos tentar acolher e sentir as mensagens transmitidas pelas intenções profundas dos criadores e dos artistas, a ressonância vibratória das formas tradicionais geométricas e coloridas, a invocação dos mestres e deidades representados, seres realizados e representativos de certas qualidades ou estados conscienciais (aos quais aspiramos ou que são considerados fundamentais ou eficazes na purificação,

Pedro Teixeira da Mota – Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa. Investigador da Tradição Perene ou da Espiritualidade Universal. Conferencista em vários países e sobre diversos temas. Viveu dois anos e meio na Índia. Foi professor de Yoga, e tem trabalhado como especialista do livro antigo. Dinamizador espiritual. Publicou quatro livros de inéditos de Fernando Pessoa, comentados: *Moral, Regras de Vida e Condições de Iniciação*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988; *A Grande Alma Portuguesa*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988; *A Rosea Cruz*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1989; *Poesia Profética, Mágica e Espiritual*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1989. Em 1998, o *Livro dos Descobrimientos do Oriente e do Ocidente*. Em 2006, a tradução comentada do texto sânscrito *AstavakraGita, o Cântico da Consciência Suprema*. Em 2008 a tradução (com Álvaro Pereira Mendes), e comentando-a, do *Modo de Orar a Deus*, de Erasmo de Roterdão. E em 2015 um livro de trinta e três ensaios, "*Da Alma ao Espírito*", Publicações Maitreya. Contato: peommota@hotmail.com e viva.erasmo@gmail.com

desenvolvimento, iluminação e harmonização humana), tudo de modo a que o mais possível do nosso ser possa assimilá-los, deixando-os penetrar bem nos nossos sentidos e ressoar ou imprimir-se nos neurónios cerebrais, harmonizando os hemisférios, as emotivas memórias e as vibrações e agitações tanto das sinapses como da subtil substância psíquica.

Um dos significados de mandala (da raiz-*manda*) é também o de essência, e então dir-se-á que um dos objectivos dos mandalas é levar-nos, através dos desenhos e imagens, para além dos estados dispersos emocionais mentais e assim entrarmos em estados de consciência mais pacificados, concentrados ou alargados, ou nas dimensões mais subtis ou essenciais do nosso ser, do universo, do Espírito, da Divindade...

Os mandalas podem conter ou não letras, sons e palavras, e surgem sobretudo com os *mantras* mais famosos ou poderosos, ou os nomes de Deus e dos grandes seres, ou ainda, mais esotericamente, com as letras dos sons associados aos *chakras* ou centros de força subtis dos nossos corpos invisíveis, já que o alfabeto e os sons são veículos poderosos para a emissão-irradiação energética e logo para a alteração das vibrações e dos estados de consciência, numa sacralização, a qual significa purificação e dissipação de ilusões, falsas identificações, medos e consequente harmonização e elevação, plenificação e libertação da Consciência do Eu espiritual, sempre em peregrinação e aperfeiçoamento ou partilha.

Alguns mestres orientais consideram os mandalas, pelo seu impacto visual e directo, isto é, sem mediação de palavras, como uma das melhores formas de transmissão dos ensinamentos espirituais, nomeadamente ao contribuírem para a compreensão libertadora, a unificação, a chamada "iluminação". Dirão mesmo que qualquer mandala representa, simboliza e proporciona um tipo de iluminação nossa em relação ao Um Onnipresente, o unificador e harmonizador de tudo e de nós todos. De facto, qualquer mandala, como muita da pintura sagrada ou espiritual, proporciona uma estabilização mental e o desabrochar duma consciência pura, que pode ser chamada visão do hemisfério direito, não-dual, búdica, logóica, crística, a qual foi facilitada ou impulsionada ao contemplar-se a mandala, podendo

desabrochar numa intuição da Unidade divina ou do Absoluto omnipresente...

Encontramos em todos os povos esta arte sagrada: em certos casos terá começado a ser desenhada no chão ou na areia, ora como labirintos ora como quaternários, triângulos e círculos, e mais tarde com ou sobre pedras e paredes, papiros, tecidos e papel, ou mesmo erguida com paus ou com pedras, como vemos ainda hoje em alguns alinhamentos megalíticos ou templos primitivos.

Poderá ter nascido de sonhos ou de visões interiores, nos quais as estruturas e os significados do universo, exterior ou interior, se revelaram, tornando-se depois métodos de apaziguamento, centralização psíquica, invocação divina, ou ainda mapas para indicarem os caminhos para a realização, para o centro harmonizador, clarificador, libertador. Ou poderá ter sido transmitida e aperfeiçoada por mestres, que assim viram no olho espiritual...

No Egipto vêmo-la não só na estrutura dos templos e na escrita hieroglífica como sobretudo nas múmias e nas pinturas que nelas se faziam, na madeira, nos tecidos e em pequenos objectos, tais como fórmulas e amuletos protectores, que depois emigraram ou foram transmitidos, de formas subtis ou desapercibidas, para as religiões seguintes...

No Cristianismo encontramos-a em inúmeras formas, e em especial no uso da cruz, pintada, construída ou tecida, a qual invoca e evoca, além da morte redentora do mestre Jesus, o encontro central dos quatro elementos e quatro direcções do espaço, o Divino, o Amor irradiante e triunfador, o Espírito quintessencial.

Mas também aparecem em outras formas, seja nos profundos e bem teorizados ícones da Igreja Ortodoxa, seja na arte Românica, tal como os Cristos em glória dentro da amêndoa mística (a mandorla, e que resulta da fusão de dois círculos na proporção do número de ouro), em geral flanqueados pelos quatro evangelistas e seus símbolos. Ou ainda medievalmente, copiando-se a tradição greco-romana da harmonia das esferas celestiais, quando se desenhavam os vários círculos ou orbes planetários até se chegar ao mundo cristalino e Divino. A *Divina Comédia* de Dante está construída sobre esta ascensão pelos céus e níveis conscienciais e maravilhosas pinturas foram

criadas ao longo dos tempos inspirada em tal tradição, com a visão final da rosa amorosa da Divindade, no Paraíso, como a mais mandálica de todas.

Mais em contacto com o corpo, encontramos os paramentos utilizados pelos sacerdotes, seja nas vestes, altares, instrumentos e adereços, com os seus símbolos e mandalas, quer mesmo os que os fiéis bordavam nos seus lenços e roupas ou estilizavam em jóias e amuletos, tais como as filigranas do Norte de Portugal e da Galiza, em que predomina tanto o coração, e em que um veio céltico se entroncara. Aliás, sabemos pela descrição de Estrabão que os Lusitanos dançavam em círculo nos momentos da Lua Cheia e de certas celebrações, danças sagradas estas que são frequentemente mandalas dinâmicas.

No Islão, como não se valorizaram as representações antropomórficas do Divino, vemos muitos mandalas não só geométricos, em azulejos, abóbadas e nichos de oração, mas sobretudo com todos ou alguns dos 99 Nomes de Deus traçados em finas caligrafias nas mesquitas, casas e livros. As práticas esotéricas ou iniciáticas associam frequentemente a repetição dos nomes de Deus e a contemplação deles como métodos de acesso aos mundos e a estados subtis e espirituais. E vemos ainda a geometria sagrada e os princípios mandálicos presentes nos inúmeros amuletos e desenhos simbólicos, identificativos, protectivos e embelezadores de que as pessoas se revestem ou se rodeiam, entre os quais se destaca *Hamsa*, a mão aberta de Fátima (filha do Profeta, mulher de Ali), a face Divina feminina primordial, o tipo da Terra Celeste e lúcida, dos místicos Persas e Shiaa.

No Budismo encontramos os mandalas, muito desenvolvidos na linha himalaica e tibetana do *Vajrayana*, especialmente nas pinturas ou *than-kas* (mas também feitos na impermanente areia colorida), com as quatro portas ou direcções, por onde se entra e se assimilam meditativamente as qualidades de cada um desses níveis ou estados, para se chegar à cessação da ignorância egoísta e separativa e ao estado iluminado de contacto com Aquilo ou Aquele de que pouco se pode mencionar, por transcender a discursividade mental e a dualidade, a não ser por *Nirvana*, e por *Asamkhata*, o Incondicionado. No Japão, como dissémos de início,

desenvolveram-se bastante os *mandara* na mesma linha de prática contemplativa sobre círculos, e tanto no Budismo como no Shintoísmo, e sobretudo no sincretismo dos dois que o Shingon realizou. E, finalmente, devemos referir que muitos dos povos índios das Américas e algumas tribos Africanas e da Austrália também possuem uma tradição mandálica muito significativa...

Mas também a encontramos nas rosas-dos-ventos desenhadas e utilizadas pelos Portugueses nos Descobrimientos, traçadas e descritas, por exemplo, pelo navegador e humanista D. João de Castro e que eram também formas de sacralizar os ventos, as rotas, a orientação. Ou nos símbolos escolhidos para as ordens religiosas. Ou, muito antes, nos mapas astrológicos, desde os tempos da Babilónia e de Roma e chegando até aos nossos dias, com os doze meses, os doze signos, centralizados pelos quatro elementos e pelas quatro estações, onde brilha centralmente o Sol, símbolo também do espírito em nós e do Logos Solar no sistema solar, e da Divindade...

No fundo, todo o universo é um grande mandala, ao qual os Gregos chamaram um *Kosmos*, ou seja, um todo ordenado e ornamentado, através de números, proporções, ritmos, leis, fórmulas e formas geométricas paradigmáticas ou arquétipas (dos quais os cinco sólidos platónicos são os mais essenciais), que estão por detrás da cristalização dos minerais, no desabrochar das flores, nos padrões do ADN humano e animal, e que a ciência, com a sua tecnologia cada vez mais apurada ou infinitesimal, vai revelando no universo ou macrocosmos, maravilhosamente no caso dos hologramas e fractais, ou então no pequeno universo ou microcosmos, o ser humano, indo até às partículas e aos neurotransmissores, sem contudo conseguir chegar aos níveis mais subtis e elevados que exigem o despertar dos sentidos espirituais da pessoa em si mesma e que tantos místicos contemplaram nos mundos subtis com o seu 3º olho ou mesmo ouviram como a *Música das Esferas*, bem referenciada por Pitágoras, Boécio e outros.

Todavia a Ciência experimental e laboratorial vai confirmando muitos dados da Tradição Perene e desvendando as harmonias de ondas e das partículas, ao que deveríamos estar mais conhecedores, atentos, assimiladores e implementadores de

tais descobertas nas nossas cosmovisões e práticas espirituais e nos nossos adornos e casas, actos e hábitos, percepções e intenções, deste modo aumentando a consciência de quão somos e vivemos em proporções do número de ouro e em ritmos e interações maravilhosas.

No século XX, o psicólogo Carl Gustav Jung, através da observação dos sonhos e das visões dos pacientes e de si próprio (dos quais nasceram belos desenhos mandálicos e ainda o famoso *Livro Vermelho*), confirmou a existência e o funcionamento de mandalas no inconsciente humano e como eles podiam tanto mostrar ou revelar o que se passava no mundo psíquico como também ser instrumentos de estruturação, cura e individuação, ao serem desenhados, contemplados e compreendidos mais profundamente.

Outro estudioso do século XX foi o orientalista Giuseppe Tuci, um italiano que lhes dedicou a sua vida, em especial aprofundando os do Tibete. Mais recentemente o japonês Massaro Emoto revelou, no livro *As mensagens da Água*, como esta é afectada nas suas cristalizações mais ou menos mandálicas não só pela pureza das suas fontes como pelos nossos próprios pensamentos e sentimentos, de acordo com o axioma da Física moderna que o observador influencia o observado.

Assim, certamente, ao fazer, tecer, cozer, desenhar ou escolher o seu próprio mandala, cada pessoa está a participar num acto cósmico e sagrado, pelo qual se fazem confluir num objecto energias ou as bençãos dos seres que se invocam e que potencializam as energias que nós temos e que eles contém, deste modo purificando-nos, recriando-nos e centrando-nos através do que representamos e invocamos...

Pode ser num simples desenho com vários círculos concêntricos, com quatro entradas ou portas, conforme as quatro direcções do espaço e convergindo para o centro ou ponto-partícula ínfima mas tão importante, e que é também o nosso ser essencial a ser invocado e que se pode manifestar, permitindo o divino mais brilhar.

Mas também podem ser realizados com outras formas, e não só em desenhos de tinta ou areia, mas com pedras e cristais, conchas e seixos, sementes, flores e frutos, pessoas...

As cores utilizadas serão também importantes nos efeitos dos mandalas. Mencionaremos muito abreviadamente que o vermelho ou o laranja podem tornar os mandalas mais activos, o azul expansivos para o infinito ou a paz, e o verde salutíferos, ainda que certamente as cores sejam acolhidas psiquicamente de modos muito subjectivos e bem influenciados pelas tradições pessoais e locais.

Poderemos dizer que na utilização ou contemplação de um mandala espelha-se e entra para dentro de nós próprios a harmonia de certas formas, energias, qualidades ou seres do Cosmos, suscitando estados de Consciência elevados e de mais abertura à Presença Divina. Ao contemplarmos demorada-mente os nossos mandalas, as formas geométricas e coloridas preferidas, recebemos mais ensinamentos e forças harmonizadoras para as conexões dos neurónios e da memória, para a aura e o corpo espiritual, e ainda para o corpo Místico da Humanidade, o *Dharmakaya* dos Budistas, a *Anima Mundi* da Antiguidade greco-romana.

Corpo espiritual que é em si próprio um mandala oval ou circular, com os seus centros de forças, que são orbes energéticas, denominados rodas – *chakras* –, ou flores de lótus – *padma* –, na tradição Indiana, onde se destacam o centro do coração, o olho espiritual ou 3º olho, e o centro do cimo da cabeça, o lótus das mil pétalas, bem desabrochados e desenvolvidos nos seres mais iluminados ou perfeitos, tais como a Luz da Glória (*xvarnah*) da tradição Iraniana, o *augoeides* da tradição Greco-Romana, o Buddha Gautama com a sua grande aura, o Cristo Jesus no seu corpo glorioso ou nos sagrados corações de Jesus e Maria, e Mohamed e Ali, com as faces brilhantes mas veladas, no Islão. E que cada um de nós deve ir alcançando ao contemplá-los e ao reflectir ou irradiar mais transparente e plenamente a luz e o amor, a coragem e a compaixão ou, mais essencialmente, o Espírito, e assim aproximar-se da Presença Divina.

Podemos então com as formas e morfismos mandálicos que mais gostamos, cultivamos ou com que nos rodeamos, preservar e desenvolver não só os sentidos estéticos, culturais e espirituais, como também o harmonizador e terapêutico para os outros, para nós e para o Cosmos, dadas

as ressonâncias geomórficas e psicomórficas que circulam e unem tudo no Universo a uma velocidade igual, senão mesmo superior à da luz.

Saibamos então tanto pelo desenho, a construção, o uso consciente e a contemplação das formas geométricas sagradas, tão dinamicamente vibratórias, como pela vida criativa, justa, alegre e

espiritual, tornarmo-nos cada vez mais um pequeno mandala, um círculo ornamentado luminoso em harmonia com o grande Mandala do Cosmos e da Divindade.

(Artigo baseado no capítulo “Dos Mandalas”, do livro *Da Alma ao Espírito*, Portugal: Publicações Maitreya, 2015, revisto e ampliado pelo autor para esta publicação).

Mandala islâmica, com os nomes de Deus



Fonte: foto fornecida pelo autor